

FILOSOFIA E MÚSICA

O BOLERO DE SER E NÃO SER!

Emmanuel Carneiro Leão

Com o homem, rompe-se o silêncio da noite cósmica de ser e não ser. Desde então, é tão difícil ser música como não ser música. Na ambiência eletroacústica, surgiu na Itália entre os músicos eruditos a seguinte *buttata*: antes, o difícil era ser música. Hoje, não. Hoje o difícil é não ser música, pois tudo é música.

Essa *buttata* perde logo seu lugar de origem e sua data de nascimento quando se pensa a essência da música. Então, se há de sentir e perceber que sempre será difícil, senão impossível, em qualquer tempo e lugar, ser música sem não ser música, não ser música sem ser música. É que, por imposição do bolero de ser e não ser, não existe nada que não vibre e vibre, de algum modo. É a estranheza própria de ser e não ser homem de todo homem, cantada por Sófocles no famoso coro de *Antígona* (v. 332):

Πολλὰ τὰ δεινὰ
Κ'οὐδὲν δεινότερον
ἀνθρώπου πέλει

Muitas são as coisas estranhas,
nada, porém, pulsa sendo mais estranho
do que um homem

É este pulsar estranho de ser e não ser homem dos homens no homem que constitui a música originária, i. é, a essência da música, fonte de toda criação, interpretação e escuta musical. Trata-se de entoação tão exordial que flui por toda parte, no ruído não menos do que no acorde. Nem mesmo é possível remontar-lhe o fluxo, de vez que é dessa entoação primigênea que nasce todo vigor inaugural do ir e vir sonoro, de subir e descer qualquer escala. Assim todo homem, em simplesmente

sendo e não sendo, já sempre produziu em si qualquer música que venha a escutar e/ou deixar de escutar, que chegue a compor e/ou deixar de compor.

Tal é a lição que nos deixou com Sócrates de Atenas Diotima, a sacerdotisa de Mantinea, segundo o testemunho de Platão no diálogo *O banquete* (v. 205 b5):

...ἢ γάρτα ἐκρηῆ ὄντος

Εἶς τὸ ὄν ἰόντι δῖψουῶν αἰτία πᾶσα ἔστι ποίνσιζ'

em tudo que responder pela passagem
De não ser para ser, qualquer que seja,
É criação musical!

Essa passagem de ir e vir entre não ser e ser perfaz a musicalidade de toda a música. Nesses termos, a música é a arte do arqueiro zen, de que nos fala uma antiga estória chinesa:

Quando um arqueiro atira sem alvo, nem mira, sem arco, nem flecha, está na originariedade da arte de atirar. Quando atira para acertar, instala-se uma divisão entre atirar e acertar. Sente-se nervoso e hesita. Quando atira por um prêmio, então, fica cego. Vê dois alvos, o disco e o prêmio. É o mesmo atirador, mas, a divisão lhe quebra a unidade. Preocupa-se mais em ganhar do que em atirar. Vê mais o prêmio do que o alvo. A necessidade de vencer o faz perder a identidade entre o arqueiro e o alvo, entre arqueiro e flecha, entre arqueiro e a arte de atirar!

A música é a arte de atirar, numa composição, numa interpretação, numa escuta, sempre antigas e sempre novas, ritmo e melodia, harmonia e timbre, tanto do compositor como do intérprete, tanto do produtor, como do ouvinte. O pensamento chinês atingiu o auge entre 550 e 250 a.C.. No final desse período, viveu, pensou e morreu Chuang-Tzu, um dos maiores pensadores da humanidade. Suas estórias nos presentiam com a pujança criadora do taoísmo antigo. Uma delas fala do bolero de ser e não ser da música na natureza:

Quando a natureza magnânima suspira,
escutamos o assobio dos ventos,
que, em silêncio, desperta viva
música nos seres, soprando neles.
Já lhes escutastes o ressoar profundo?

Lá está a floresta no alto da montanha,
velhas árvores com fendas e rachaduras,
focinhos abertos, goelas profundas, orelhas em pé.

Ocos nos troncos, crateras nas pedras, veios na madeira.
Todos os buracos cheios d'água. Ouve-se tanto o mugir rouco
das profundezas, como o estrondo claro do trovão.
Assovios finos e gritos de comando, lamentações tristes
e flautas plangentes e afiadas.
Ventos suaves cantam timidez,
tempestades violentas rompem obstáculos
e de repente toda vibração cede.
Os últimos sons reboam em suspiros.
Já notastes como tudo treme e se apaga?

Yu e Wu responderam:
Vibração perpassa em silêncio todas as coisas
Surgem, então, os sons crescendo e esmaecendo.
Que vibração é esta?
Mistério de ser e não ser, música criadora!

Na música, como em tudo, é sempre o vazio que dá a possibilidade
de ser e não ser, de acordo com o *Tao-Te-King* de Lao-Tzu:

Trinta raios rodeiam um eixo,
mas é onde os raios não raíam
que roda a roda.

Vasa-se a vasa e faz o vaso,
Mas é o vazio que perfaz a vasilha.

Levantam-se paredes e se encaixam portas,
mas é onde não há nada
que se está em casa.

Falam-se palavras
e se apalavraram falas,
Mas é no silêncio
que mora a linguagem.

Ser presta serviços
Mas é não ser
Que empresta sentido.

Essência da música!

A essência da música não pode ser tocada, mas também não carece sê-lo. Pois a essência da música vem sempre pensada e não apenas em tudo que se toca e/ou se deixa de tocar, como em tudo que se é e/ou se deixa ser. É que a essência da música não é música nem ritmo nem melodia nem timbre nem harmonia. Também não é elemento, no sentido antigo de στοιχεῖον, como som e tom num acorde, como sintonia e distonia numa polifonia. Tudo isso já é música e assim supõe e cumpre a essência da música para vir a ser o que é e não é.

Ora, não ser nada de tudo que está sendo, de tudo que não é nem está sendo, não constitui privilégio da essência da música. Pertence a toda e qualquer essência. Assim, diz Heidegger, “quando se procura a essência da árvore, deve-se levar em conta e perceber que o vigor de ser e não ser que faz da árvore árvore não é uma árvore que se pudesse encontrar entre as árvores de uma floresta”. É da essência que vale o que os medievais diziam matéria primordial: *Nec quid, nec quale, nec quantum, nec ullum eorum quibus ens determinatur*, “não é quididade nem qualidade nem quantidade nem determinação alguma do que é e está sendo”. Para se referir a esse nada criativo, Aristóteles inventou uma formulação estranha: τὸ τὶ ἦν εἶναι, que Boécio traduziu para um latim não menos estranho: *quod quid erat esse*, “o que já sempre era de ser”. A essência é como se fosse pescada, o peixe que antes de ser já era sempre

pescada! Em sua essência, a música também já era sempre música antes de ser composta, tocada, escutada.

Está vigente aqui a pureza radical de todas as coisas, cantada por Hölderlin numa das estrofes do hino dedicado ao Reno:

*Ein Raetsel ist Reinentspnngenes. Auch
der Gesang kaum darf es enthuelen. Denn
wie du anfangst, wirst du bleiben,
so viel auch wirket die Not,
und die Zucht, das meiste naemlich
vermag die Geburt
Und der Lichtsrahl, der
Dem neugebornen begegnet!*

Um mistério o que brota da pureza,
nem mesmo a música consegue desvendar!
Por mais que possa a carência e a disciplina,
o mais poderoso é o nascimento e o raio de luz
que atinge a frente de quem nasce sempre de novo!

Num livro de 1939, *What to listen for in music*, Aaron Copland diz que todo compositor, intérprete e ouvinte são o que há de prático na música. Todo o resto é abstração, como essência. É o contrário do que Sócrates diz a Ião, o famoso músico-cantor de Homero.¹

Nota

¹ “– Sócrates – É o que me disponho a fazer, Ião, para explicar-te o que me parece ser a causa do que dizes. O dom de falares com facilidade a respeito de Homero, conforme concluí há pouco, não é efeito de arte, porém resulta de uma força divina que te agita, semelhante à força da pedra que Eurípides denomina magnética e que é mais conhecida como pedra de Heracles. Porque essa pedra não somente tem o poder de atrair anéis de ferro, como comunica a todos eles a mesma propriedade, deixando-os capazes de atuar como a própria pedra e de atrair outros anéis, a ponto de, por vezes, formar-se uma cadeia longa de anéis e de pedaços de ferro, pependentes uns dos outros; e todos tiram essa força da pedra. Do mesmo modo, as Musas deixam os homens inspirados, comunicando-se o entusiasmo destes a outras pessoas, que passam a formar cadeias de inspirados. Porque os verdadeiros poetas, os criadores das antigas epopeias, não compuseram

seus belos poemas como técnicos, porém como inspirados e possuídos, o mesmo acontecendo com os bons poetas líricos. Iguais nesse particular aos coribantes, que só dançam quando estão fora do juízo, do mesmo modo os poetas líricos ficam fora de si próprios ao comporem seus poemas; quando saturados de harmonia e de ritmo, mostram-se tomados de furor igual ao das bacantes, que só no estado de embriaguez característica colhem dos rios leite e mel, deixando de fazê-lo quando recuperam o juízo. O mesmo se dá com a alma do poeta lírico, como eles próprios o relatam. Dizem-nos os poetas, justamente, que é de certas fontes de mel dos jardins e vergéis das Musas que eles nos trazem suas canções, tal como as abelhas, adejando daqui para ali do mesmo modo que elas. E só dizem a verdade. Porque o poeta é um ser alado e sagrado, todo leveza, e somente capaz de compor quando saturado do deus e fora do juízo, e no ponto, até, em que perde todo o senso. Enquanto não atinge esse estado, qualquer pessoa é incapaz de compor versos ou vaticinar. Porque não é por meio da arte que dizem tantas e tão belas coisas sobre determinados assuntos, como se dá contigo em relação a Homero [...]”(PLATÃO, *Ião*, vv 533d–534e).

Tradução de Carlos Alberto Nunes, posta como referência à citação feita no final do texto pelos editores.

Resumo

Neste ensaio, Emmanuel Carneiro Leão mostra, em um diálogo rico com várias obras de pensamento e de poesia, a proveniência essencial de toda e qualquer música. A “essência” da música, longe de ser uma abstração, é a tarefa de um pensamento da música. Nesse sentido originário, toda música devém do silêncio e do nada, que alimentam e sustentam, como num bolero, tudo que é e, necessariamente, não é. A essência da música e a essência do ser, portanto, dizem o mesmo.

Palavras-chave

Música; essência; filosofia.

Recebido para publicação em
fevereiro de 2011

Abstract

In this essay, Emmanuel Carneiro Leão argues, in a rich dialogue with many works of thought and poetry, for the essential provenience of all and whichever music. The “essence” of music, far from being an abstraction, is the task of a musical thought. In this essential meaning, all music derives from silence and nothingness, which feed and support, like in a bolero, what is and, necessarily, is not. The essence of music and the essence of being, therefore, mean the same.

Keywords

Music; essence; philosophy.

Aceito em
julho de 2011